

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Licenciatura em História

Thaís Ana Stefani

Uma anamorfose do dia 7 de setembro de 1972:
a comemoração do Sesquicentenário da Independência do Brasil como uma
encruzilhada histórica (Porto Alegre)

Porto Alegre

2024

Thaís Ana Stefani

Uma anamorfose do dia 7 de setembro de 1972:

a comemoração do Sesquicentenário da Independência do Brasil como uma
encruzilhada histórica (Porto Alegre)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
licenciada em História do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientador: Prof^a Dra Caroline Silveira Bauer

Porto Alegre

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Stefani, Thais Ana

Uma anamorfose do dia 7 de setembro de 1972: a comemoração do Sesquicentenário da Independência do Brasil como uma encruzilhada histórica (Porto Alegre) / Thais Ana Stefani. -- 2024.

44 f.

Orientadora: Caroline Silveira Bauer.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em História, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Comemoração. 2. Anamorfose. 3. Sesquicentenário da Independência do Brasil. 4. Usos do passado. I. Bauer, Caroline Silveira, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Thaís Ana Stefani

Uma anamorfose do dia 7 de setembro de 1972:

a comemoração do Sesquicentenário da Independência do Brasil como uma encruzilhada histórica (Porto Alegre)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof^a Dra Caroline Silveira Bauer

Aprovado em: Porto Alegre, 22 de agosto de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a Caroline Silveira Bauer (orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof^a. Dr^a Cassia Daiane Macedo da Silveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof^a. Dr^a Janaina Martins Cordeiro
Universidade Federal Fluminense (UFF)

À memória da minha avó
Ana De Maman Stefani.

AGRADECIMENTOS

São tantas pessoas que passaram por mim nesse caminho da graduação, deixando marcas e ajudando a constituir o que hoje é possível finalizar nesse trabalho de conclusão de curso. Então, eu queria agradecer todo mundo, mas certamente vou esquecer muitos. De toda forma, lembrar e esquecer seguem juntos em antagonismo e são necessários para celebrar o momento.

Agradeço, primeiramente, aos meus pais Inori Stefani e Maria Lourdes Turatti Stefani, que não tiveram a mesma oportunidade de concluir seus estudos. Tendo eles apenas o Ensino Médio incompleto e o Ensino Fundamental incompleto, respectivamente, não mediram esforços para que essa graduação fosse concluída e pudessem ver sua filha com o Ensino Superior completo. Quero deixar registrado aqui que mesmo não sendo graduados vocês são as pessoas que mais me ensinaram sobre viver e estar no mundo, e nenhuma formação é maior ou menor que isso.

Agradeço a outras pessoas da minha família, como ao meu irmão Joel Paulo Stefani e ao meu primo Lucas Gabriel Deinani, que arrumando o meu notebook mais de uma vez, possibilitaram as ferramentas desse ofício. Também, agradeço a prima Daiane Kelly Deinani e aos tios Gabriel e Marli Deinani, pelos inúmeros encontros, risadas, comidas e principalmente partidas de baralho. Não posso deixar de mencionar aqui o meu amado cachorro Pitoco e todos os gatos interioranos, que são uma grande saudade ao estudar em outra cidade, mas uma explosão de amor em cada retorno.

Agradeço ao Laboratório de Estudos sobre os Usos Políticos do Passado (Luppa), lugar em que aprendi a me sentir uma acadêmica. E, especialmente, agradeço a Caroline Silveira Bauer por ser sempre minha fiel orientadora, até nos piores momentos desse percurso. Tu é a melhor professora e amiga que eu encontrei aqui. Agradeço a muitos amigos que estiveram comigo na caminhada da graduação, sendo eles historiadores, ou não: Adrielle Gaio, Ana Conrado, Bianca Balbinot, Clara Bauer, Eliza Venzon, Fernando Nicolazzi, Gustavo Carvalho, Héryka da Luz, Isabela Lazzarotto, João Gollin, Leandro Souza, Leonardo Flor, Luiza Moraes, Manuela Barp, Maria Luiza Eloy, Melina Perussatto, (Gabriel) Miguel Machado, Nivia Lopes, Pedro Batistella, Roberta Valença, Teo Suarez, Vanessa Araldi e Vicente Detoni.

Agradeço às minhas amigas de infância Érica Luiza Feraboli e Gabrieli Martini, pelos mais de 20 anos de amizade, apoio e amor. Aos amigos da graduação, mas que certamente serão para além dela, Sofia Lorscheiter e Tarso Jahn Ribeiro. Também agradeço a minha amiga, colega e parceira de apartamento Regina Rodeghero, porque sem tua companhia esse trabalho

não sairia. Obrigada por acolher lágrimas, risos e fazer uma torrada pra mim quanto eu passei tantas horas escrevendo que esqueci de comer.

Por fim, agradeço àquilo que me possibilitou tranquilidade, ou amenizou o stress para seguir até aqui: minha maravilhosa bicicleta Ravena, o chimarrão pós almoço, os chocolates, a música de todos e em todos os momentos e os cinemas de rua de Porto Alegre. E não poderia esquecer as incontáveis sessões de terapia com minhas psicólogas. Por isso, gostaria de finalizar dizendo o que eu não agradeço. Então, deixo aqui o meu desagrado a ansiedade e a depressão e a tudo o que me atravessou nesse percurso, sendo um gatilho para despertá-las dentro de mim.

E tudo isso foi no mês que vem.

- *Vitor Ramil*

RESUMO

No ano de 1972 o Brasil completou 150 anos de sua Independência. O país vivia um regime ditatorial há 8 anos, e estava sendo governado pelo general Emílio Garrastazu Médici. É nesse contexto que inúmeros eventos comemorativos foram organizados e realizados em todo o território nacional para rememorar a História da Independência do Brasil. Em Porto Alegre, o jornal Zero Hora divulgou a cobertura desses festejos de maneira intensa, com uma edição especial no dia 07 de setembro de 1972. Sendo assim, essa pesquisa pretende analisar quais elementos históricos são mobilizados e como são mobilizados para a comemoração do dia da Pátria no contexto do Sesquicentenário da Independência do Brasil. Pensando em problematizar o ufanismo associado a essa efeméride, um dos objetivos do trabalho é refletir sobre a utilização de datas históricas como forma de comemoração e propagação de ideais políticos. Dessa forma, para entender as diversas camadas de outros tempos históricos que constituíram o Sesquicentenário da Independência do Brasil, utilizo a proposta de elaboração da escrita de uma anamorfose, em que é proposto escrever uma narrativa histórica a partir de uma outra poética do tempo. Através de um pequeno recorte cronológico de um dia, se demonstra os variados níveis e formas de intercomunicação dos usos do passado, compreendendo que um dia é na verdade uma espécie de teia das continuidades do passado com o presente e futuro, formando uma encruzilhada histórica.

Palavras-chave: Comemoração; Anamorfose; Sesquicentenário da Independência do Brasil; Usos do passado.

ABSTRACTING

In 1972, Brazil celebrated the 150th anniversary of its independence. The country had been under a dictatorial regime for eight years and was being governed by General Emílio Garrastazu Médici. It was in this context that numerous commemorative events were organized and held throughout the country to commemorate the history of Brazil's independence. In Porto Alegre, the newspaper *Zero Hora* covered these celebrations intensively, with a special edition on September 7, 1972. Therefore, this research aims to analyse which historical elements are mobilized and how they are mobilized to commemorate Homeland Day in the context of the Sesquicentenary of Brazil's Independence. With a view to problematizing the ufanism associated with this ephemeris, one of the aims of the work is to reflect on the use of historical dates as a way of commemorating and propagating political ideals. Thus, in order to understand the various layers of other historical times that made up the Sesquicentenary of Brazilian Independence, I use the proposal of writing an anamorphosis, in which it is proposed to write a historical narrative from another poetics of time. Through a small chronological section of a day, I demonstrate the various levels and forms of intercommunication between the uses of the past, understanding that a day is actually a kind of web of continuities between the past and the present and future, forming a historical crossroads.

Keywords: Commemoration; Anamorphosis; Sesquicentennial of Brazilian Independence; Uses of the past.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABERT - Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão

ABRATE - Associação Brasileira de Rádio e Televisão

CEC - Comissão Executiva Central

FAB - Força Aérea Brasileira

IHGB - Instituto Histórico Geográfico Brasileiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ABRINDO A EFEMÉRIDE	11
CAPÍTULO 1 1972 EM FOCO: O PLANEJAMENTO DE UMA COMEMORAÇÃO.....	18
CAPÍTULO 2 A FESTA ACONTECE, EM QUAL TEMPO? UMA ANÁLISE DA ENCRUZILHADA HISTÓRICA DO DIA 07 DE SETEMBRO DE 1972.....	28
2.1 TEMPO IMEDIATO.....	29
2.2 TEMPO PROFUNDO	36
CONCLUSÃO FECHANDO A EFEMÉRIDE.....	41
REFERÊNCIAS.....	43

INTRODUÇÃO | ABRINDO A EFEMÉRIDE

No ano de 1972 o Brasil completou 150 anos de sua Independência. O país vivia um regime ditatorial há 8 anos, e estava sendo governado pelo general Emílio Garrastazu Médici. É nesse contexto que inúmeros eventos comemorativos do processo de emancipação política foram organizados e realizados em todo o território, muitas vezes rememorando não só o fato do dia 07 de setembro de 1822. Este trabalho se debruça em um momento específico dessa conjuntura, o dia 07 de setembro de 1972.

Minhas fontes serão os jornais Zero Hora, que está preservado pelo Museu da Comunicação José Hipólito da Costa. Esse jornal realizou uma cobertura sobre os eventos do Sesquicentenário da Independência do Brasil ao longo de todo o ano de 1972. Contudo, foi durante a Semana da Pátria que suas matérias sobre o assunto se intensificaram, havendo uma divulgação dos preparativos que antecederam a grande comemoração do dia 07 de setembro de 1972, retratado em uma edição especial. Pretendo, então, realizar uma anamorfose desse dia a partir da edição especial do jornal Zero Hora, juntamente com as edições do dia 06 de setembro e 08 de setembro, enfocando minha análise nos trechos em que a comemoração do Sesquicentenário da Independência do Brasil é citada.

Pretendo realizar a pesquisa a partir de uma “anamorfose”, metodologia proposta pelo historiador Daniel Barbosa Andrade de Faria¹. Nela, Daniel Faria realiza a análise de um evento, ou dia histórico, se propondo a não limitá-lo às suas 24h de duração, pois entende que o tempo histórico é atravessado por diversas camadas temporais, que o constituem. Dessa forma me parece uma metodologia propícia para responder o problema de pesquisa: *Que elementos históricos são mobilizados e como são mobilizados para a comemoração do dia da Pátria no contexto do Sesquicentenário da Independência do Brasil?* e embora me proponho a recortar um objeto que tem a duração de um dia no calendário, esse momento mobilizou diversas temporalidades, fazendo presentes elementos de outros passados.

Datas comemorativas sempre são momentos de grande reflexão. De acordo com o historiador Benito Bisso Schmidt, “aniversários redondos são bons para pensar sobre determinados fatos históricos, sobretudo para refletir sobre o que e por que as sociedades

¹ Me inspiro nos seguintes trabalhos:

FARIA, Daniel. Anamorfose de um dia: o tempo da história e o dia 11 de dezembro de 1972. **História da Historiografia**. Ouro Preto, n. 17, abril de 2015, p. 11-29.

FARIA, Daniel. Baderneiros, arruaceiros, guerrilheiros :um acontecimento na transição democrática. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol 31, no 63, p. 50-70, janeiro-abril 2018.

FARIA, Daniel. Anamorfose do dia 08 de maio de 1970 - ou: O mito em posição de alerta. In: KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei (org). **Do Fake ao Fato: des(atualizando) Bolsonaro**. Vitória: Editora Milfontes, 2020. p. 101-112.

pensaram e pensam a respeito de tais fatos”². Em 2024, rememoramos 60 anos que ocorreu o golpe que deu início a ditadura civil-militar brasileira, portanto, a efeméride possibilita novas reflexões e novos olhares sobre os eventos do passado. O Sesquicentenário da Independência do Brasil está dentro dos estudos sobre o período de maior repressão da história do país, sendo assim uma das relevâncias do seu estudo.

A partir da revisão da bibliografia sobre o assunto, foi possível perceber que ainda existem poucos estudos que abordam a temática dessa comemoração específica³. Além disso, meu recorte espacial, que enfoca a cidade de Porto Alegre, ainda não foi explorado pela historiografia. Outros trabalhos sobre as comemorações dos 150 anos da Independência do Brasil citam eventos da capital gaúcha, mas alocando-os em uma perspectiva mais ampla. Outro fator de originalidade dessa pesquisa é a forma como ela pretende ser desenvolvida, a partir de uma anamorfose

A utilização das fontes da imprensa abarcam um viés mais social, visto que nos possibilita investigar pensamentos difusos na população da época. Me deterei a utilizar o Jornal Zero Hora entre os dias 06 de setembro de 1972 a 08 de setembro de 1972, pois neles é possível encontrar uma cobertura sobre o que aconteceu durante a festividade em Porto Alegre – em números, são mais de 50 páginas que mencionam o Sesquicentenário da Independência do Brasil. Obviamente, reconheço alguns limites na utilização dessa fonte, como a multiautoria. Embora algumas matérias presentes nos jornais apresentem uma única autoria, a maior parte dos textos jornalísticos não estão atrelados a uma pessoa física. Todo Jornal, como empresa que produz jornais, possui uma linha editorial que busca construir uma identidade e discurso uniforme, “a informação transmitida pelos jornais mescla-se com a elaboração de um discurso, com a comunicação de valores e ideias, com os projetos de agir sobre a sociedade, com a necessidade de interagir com fatores políticos e econômicos”⁴. Dessa forma, podemos concluir que a fonte jornalística não tem nada de neutra, sendo importante entender de que forma o jornal Zero Hora se posicionou durante a ditadura civil-militar brasileira. A historiadora Caroline Silveira Bauer em seu artigo *Ditadura civil-militar e imprensa gaúcha: a construção de uma conciliação com o passado (1979-1988)* cita que:

² SCHMIDT, Benito Bisso. De quanta memória precisa uma democracia? Uma reflexão sobre as relações entre práticas memoriais e práticas democráticas no Brasil atual. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 22, n. 42, p. 153-177, dez. 2015.

³ Ver capítulo 1.

⁴ BARROS, Jose D’Assunção. Considerações sobre a análise de jornais como fontes históricas, na sua perspectiva sincrônica e diacrônica. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 26 n. 3 - Set/Dez de 2022. p.590.

“Os primeiros 15 anos da ditadura civil-militar brasileira foi um período em que os jornais *Correio do Povo* e *Zero Hora* apoiaram explicitamente o regime, elaborando e reelaborando justificativas para o mesmo. Neste processo de construção de uma memória sobre a ditadura, dedicaram os editoriais dos dias anteriores e posteriores ao aniversário da “Revolução” para disseminar seu posicionamento. Assim, considerando que o produto ofertado pelos jornais é a notícia, quem a compra não compra um fato, mas sim uma informação, ou melhor, uma interpretação, que está impregnada de subjetividade.”⁵

Assim, podemos inferir que minha fonte era de apoio ao regime, colaborando para que a sociedade visse os eventos dos 150 anos da Independência do Brasil informados nas páginas dos jornais como algo positivo e participassem das comemorações. Portanto, o dia da Pátria em Porto Alegre de 1972 pode ser analisado como uma propaganda ufanista do regime ditatorial, que visava contribuir para a manutenção do estado autoritário vigente no país.

Reconheço, igualmente, o caráter descritivo que parte deste trabalho assumirá, devido à importância de contextualizar as pessoas que o lerão. Pretendo realizar uma escrita que faça com que as pessoas que lerão esse trabalho se sintam no dia do Sesquicentenário da Independência do Brasil. Assim, me inspiro no conceito de “ambiência” do autor alemão Hans Ulrich Gumbrecht, que em seu livro *Em 1926: vivendo no limite do tempo* se propôs a experimentar um “ambiente histórico”, por meio dos fatos que são narrados. Dessa forma, “o texto pretende ser estritamente descritivo [...] de interpretações profundas e de contextualizações diacrônicas através da evolução de fenômenos e visões de mundo que ocorreram "antes " e "depois " de 1926”⁶. Concordo que é uma tarefa um tanto ambiciosa, visto que a escrita acadêmica costuma ser impessoal e analítica, o que pretende ser de certa maneira transgredido em alguns momentos deste trabalho.

Além disso, os estudos sobre comemoração terão destaque nesta pesquisa, que está centralizada em um evento comemorativo. A dubiedade que é a ocorrência de repressão e festas ao mesmo tempo instiga a realização e importância desse trabalho. A historiadora Janaína Martins Cordeiro⁷ aborda as comemorações a partir de conceitos teóricos como consenso e consentimento, produzindo uma grande virada de chave para pensar esse momento da História

⁵ BAUER, Caroline Silveira. Ditadura civil-militar e imprensa gaúcha: a construção de uma conciliação com o passado (1979-1988). *ESCRITAS* v. 7 n.1 (2015) ISSN 2238-7188 p.155.

⁶ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Em 1926: vivendo no limite do tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 9.

⁷ CORDEIRO, Janaína Martins. *Lembrar o passado, festejar o presente: As comemorações do sesquicentenário da Independência entre consenso e consentimento (1972)*. 2012, Tese (Doutorado em História) - UFF. Niterói, 2012.

do Brasil. Portanto, a presente pesquisa legitima-se ao propor algo original em forma e temática, contribuindo para a historiografia brasileira.

Em vista disso, o objetivo geral desta pesquisa é analisar que elementos históricos são mobilizados e como são mobilizados nos preparativos para a comemoração do grande dia da Pátria no contexto do Sesquicentenário da Independência do Brasil em Porto Alegre. Para cumprir esse objetivo, será preciso identificar quais foram os usos do passado utilizados durante a preparação do dia da Pátria, de acordo com as fontes; problematizar o ufanismo associado às comemorações do dia 07 de setembro de 1972; e refletir sobre as datas históricas como forma de comemoração e propagação de ideais políticos.

Como referenciais teórico-metodológicos do meu trabalho irei utilizar de maneira mais abrangente a tese de doutorado de Janaina Martins Cordeiro e a dissertação de Pedro Henrique Batistella. Outro ponto importante serão os trabalhos de anamorfose de Daniel Faria. Além disso, alguns trabalhos sobre as fontes de periódicos de jornais se fazem necessários, uma vez que é preciso alguns cuidados na sua utilização.

A historiadora Janaína Martins Cordeiro elaborou um dos trabalhos mais expressivos sobre o Sesquicentenário da Independência do Brasil, fazendo com que os trabalhos que o sucederam levem em conta sua importância. A tese de doutorado defendida em 2012 na Universidade Federal Fluminense (UFF) intitulada *Lembrar o passado, festejar o presente: As comemorações do sesquicentenário da Independência entre consenso e consentimento (1972)* abrange as comemorações em diferentes locais do Brasil e nas diversas formas de festejo que ocorreram ao longo de 1972. A historiadora usou um corpo de fontes extenso, além disso, ela também aborda as comemorações a partir de conceitos teóricos de consenso e consentimento. Por isso, é imprescindível a sua utilização em uma pesquisa que tem como objeto o dia da Pátria de 1972.

Em um dos capítulos de sua tese, Janaina se concentra nesse dia, 07 de setembro de 1972. Nesse momento, ela enfoca os acontecimentos dos desfiles cívicos na cidade de São Paulo, pois era lá que o presidente ditador se encontrava. No entanto, outra questão que permeia o seu trabalho é demonstrar as relações que a ditadura soube manter entre passado e presente “isto é importante de observar: as inúmeras formas a partir das quais a ditadura soube tecer continuidade com relação ao passado”⁸. se aproveitando do imaginário coletivo e do poder de atração e fascinação que os eventos cívicos produziam na população. Assim, a historiadora

⁸ Ibid. p. 285.

também nos possibilita entender como observar as formas pelas quais a ditadura exerceu o nacionalismo ufanista e conseguiu o retorno da população por meio do consentimento.

“A sociedade apenas pode manifestar seu consentimento a um governo se esse é capaz, de alguma forma, de atender às suas demandas, suas expectativas, enfim, de dialogar com suas tradições, com sua forma de ver e estar no mundo. Em 1972, com as festas promovidas para comemorar os 150 anos de emancipação política, a ditadura conseguiu estabelecer esse diálogo”.⁹

Da mesma forma a dissertação de mestrado do historiador Pedro Henrique Batistella *A atualização do passado em disputa: historiadores(as), movimentos sociais e comemorações nacionais*, será igualmente importante para as minhas análises sobre as comemorações do dia 07 de setembro de 1972, uma vez que o seu trabalho sintetiza o pensamento de diversos autores sobre o conceito de comemoração a partir da historiografia. Entretanto, uma questão é crucial para o texto desse historiador, pensar as efemérides levando em conta a população civil como central. Tão importante quanto analisar quem promoveu a festa é quem foi festejar, porque uma comemoração só se mostra efetiva se a mesma tem público. Ele cita que:

“os cenários públicos comemorativos são atravessados por diferentes políticas comemorativas que partem de distintas e assimétricas condições e lugares de enunciação, atentando para como os elementos de classe, raça, gênero e cidadania estão articulados nas inscrições materiais, simbólicas e performáticas de sentidos comemorativos. Pode-se afirmar, portanto, que determinadas políticas comemorativas manifestam distintas experiências comemorativas que estabelecem sentidos de celebração, crítica ou negação às datas em questão”.¹⁰

Nesse sentido, acho importantíssimo seu trabalho para meus estudos, assim como o de Janaina. Esses historiadores versam sobre comemoração, disputas, consenso e consentimento, elementos que podem ser encontrados em minhas fontes. Em 1972 era através do jornal que se tinha conhecimento da maioria dos acontecimentos de forma mais popular. O jornal informava a previsão do tempo, a programação dos cinemas, os últimos acontecimentos da cidade, os crimes e como havia se saído o seu time no fim de semana. Embora já houvesse televisão ela era um artigo de luxo, assim, o jornal abrangia uma maior camada da população. Acredito que

⁹ Ibid, p. 299.

¹⁰ BATISTELLA, Pedro Henrique. **A atualização do passado em disputa: historiadores(as), movimentos sociais e comemorações nacionais**. 2022. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2022. Pág. 61-62.

muitas das pessoas que participaram dos festejos dos 150 anos da Independência do Brasil ficaram sabendo da sua programação por meio de um jornal.

Nesses jornais que selecionei é possível encontrar: textos que fazem uma reflexão sobre Independência e como era Porto Alegre em 1822; informações de como irão acontecer os festejos no dia em questão e o que muda na cidade, principalmente, em relação ao trânsito; resumo de quais foram as outras festividades, jogos e comemorações ao longo dos últimos meses no Rio Grande do Sul e no Brasil para os 150 anos da Independência; muitíssimas propagandas de diferentes marcas e empresas em honra a comemoração; notas oficiais de outros municípios do Estado e de suas ações para a data. Além disso, uma das matérias jornalística que mais me chamou a atenção na análise das fontes está presente na edição do dia 06 de setembro de 1972, nela é possível ler a manchete em letras maiúsculas “ESTAVA TUDO PRONTO, MAS NÃO HAVIA CRIANÇAS NEGRAS PARA SEREM ESCRAVAS”¹¹ e abaixo uma foto que retrata 4 crianças, sendo 1 criança branca dentro de um carrinho que é empurrado por 3 crianças negras com a seguinte legenda “Crianças negras foram emprestadas por outra escola”. Essa notícia está inserida dentro da seção “semana da pátria” do jornal, e relata a preparação das escolas de Porto Alegre para o desfile do dia da Independência.

Contudo, com ela também podemos refletir sobre certos passados que ainda ecoavam na sociedade de 1972, como a escravidão, e que foram utilizados nas festividades do Sesquicentenário da Independência do Brasil. Por isso, a forma com que pretendo realizar a escrita do meu trabalho é a partir de uma anamorfose “uma espécie de teia, formada por variados níveis e formas de intercomunicação, ressonâncias”¹², mas analisada com um recorte temporal muito pequeno, de um dia, ou uma semana, algum incomum aos historiadores. Embora um dia seja uma unidade do calendário ele não possui começo e fim palpáveis do ponto de vista narrativo:

“Por exemplo, tendo o jornal como fonte mais óbvia, é preciso ler no mínimo as notícias que saíram no dia estudado e as do dia seguinte; porque é no dia seguinte que um dia passa a contar como “história” ou, ao menos, como memória. É a partir do dia seguinte que as histórias de um dia passam a fazer parte do mundo vivido em comum, porque são relatadas e, por assim dizer, consolidam-se como fatos. Durante o próprio dia, o tempo é vivido nesse imperceptível e finíssimo fluir chamado presente. Sendo assim, estudar um dia é quase como observar num microscópio alguns dos temas mais

¹¹ *Zero Hora*, Porto Alegre, 06 set. 1972. p. 25.

¹² FARIA, Daniel. Anamorfose de um dia: o tempo da história e o dia 11 de dezembro de 1972. **História da Historiografia**. Ouro Preto, n. 17, abril de 2015, p. 25.

recorrentes em discussões teóricas e metodológicas da história, como o da relação entre o vivido, o experimento e o lembrado; a memória e o instante”.¹³

É nessa complexidade temporal que o conceito de anamorfose faz sentido, sendo uma mescla de pesquisa e elaboração poética do tempo em suas diversas camadas que passam e passaram, ou que retornam, como na matéria do dia 06 de setembro de 1972 citada. O tempo de um dia, está sempre amarrado às memórias, traumas e repetições, assim como segue sendo na atualidade.

Para finalizar essa breve introdução, apresento um pouco o que o leitor encontrará nas páginas a seguir. Em um primeiro momento haverá uma contextualização mais geral do que foi o Sesquicentenário da Independência do Brasil, a partir do que encontrei em trabalhos de outros autores que já se debruçaram sobre essa temática. Essa contextualização irá situar o Sesquicentenário como uma comemoração, refletindo sobre como uma data histórica pôde ser rememorada e propagou ideais políticos, problematizando o ufanismo associado a ela. Assim, entenderemos em qual conjuntura se encontrava Porto Alegre no dia 07 de setembro de 1972, para em um segundo momento identificar quais foram os usos do passado nesse dia, por meio das fontes e convidar o leitor a adentrar na atmosfera daquelas 24 horas estendidas, através de um ambiente de escrita anamórfica.

¹³ Ibid. p. 25.

CAPÍTULO 1 | 1972 EM FOCO: O PLANEJAMENTO DE UMA COMEMORAÇÃO.

O que vem em seu pensamento quando se trata do ano de 1972? Já havia nascido e por isso tens memórias dele? Ou é um ano irrelevante para você? Ou ainda, assim como eu, não o viveu, mas entrou tantas vezes em contato com esse período que é quase como se ele fizesse parte dos teus pensamentos? Essas perguntas não tem uma resposta certa, porém como nos provou Hans Ulrich Gumbrecht até um ano considerado sem muita relevância a nível mundial, como 1926, tem muita história.¹⁴ No entanto, o ano bissexto de 1972 teve alguns eventos de destaque, como os Jogos Olímpicos em Munique,¹⁵ ou a 1º Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente em Estocolmo¹⁶ e o Sesquicentenário da Independência do Brasil.

Sem dúvidas 1972 foi diferente e contou com inúmeros eventos que fizeram alusão ao momento histórico da Independência do Brasil. Ao fazer uma breve busca em repositórios de bases de dados bibliográficos¹⁷ pelo termo “Sesquicentenário”, ou expressões mais completas como “Sesquicentenário da Independência do Brasil”, ou “150 anos da Independência do Brasil”, ou ainda isso acrescido da palavra “comemorações” foi possível encontrar em torno de 20 trabalhos sobre o assunto. Entre teses, dissertações, monografias e artigos ainda há muitas lacunas a serem exploradas pela historiografia ao que diz respeito a essa rememoração. Entretanto, a leitura desses trabalhos, desde a minha atuação na Iniciação Científica, me possibilitaram reconhecer essa temática como importante e foram estímulos para o que hoje escrevo. Sendo assim gostaria de citar os nomes desses pesquisadores: Adjovanes Thadeu Silva de Almeida, Bruno Duarte Rei, Carmen Virginia Pereira Dysarz, Cristina Ferreira, Evander Ruthieri Saturno da Silva, Fabrício de Sousa Morais, Janaína Martins Cordeiro, Marconey de Jesus Oliveira, Mariah Martins, Olivia Baldissera de Souza, Paulo Vinícius Aprigio, Regina Dantas, Roberta Gerciane Viana de Araujo, Talita Veloso Cerveira e Thaisy Sosnosky.

Desde 1964 o Brasil vivia em um regime militar, que em 1972 era governado pelo seu terceiro ditador, Emílio Garrastazu Médici. O país se encontrava em um momento que é considerado como o de maior repressão e autoritarismo. Nesse cenário, a execução de uma festa poderia servir para aumentar a popularidade e camuflar as denúncias de violações dos Direitos Humanos que estavam acontecendo. Oficialmente, as comemorações dos 150 anos da

¹⁴ GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Em 1926: vivendo no limite do tempo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

¹⁵ OLYMPIC Games, **Munich 1972**. Olympic Games. Disponível em: <<https://olympics.com/pt/olympic-games/munich-1972>> Acesso em 10/07/2024

¹⁶ CRBio-07, “Uma só Terra”: Conferência de Estocolmo completa 50 anos. **CRBio-07**. Curitiba, 05 de junho de 2022. Disponível em: <<https://crbio07.gov.br/noticias/uma-so-terra-conferencia-de-estocolmo-completa-50-anos/#:~:text=A%20Confer%C3%Aancia%20de%20Estocolmo%20aconteceu,consumo%20excessivo%20dos%20recursos%20naturais.>>> Acesso em 10/07/2024.

¹⁷ As pesquisas foram feitas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes; Lume Ufrgs e Google Acadêmico.

Independência do Brasil aconteceram do dia 21 de abril a 07 de setembro de 1972 em todo o país, mas a sua preparação teve início anos antes. Ainda no governo do general Artur da Costa e Silva que “criou uma comissão responsável pelo desenvolvimento de estudos preliminares” e “desde 1967, já se vislumbrava a realização de uma exposição mundial comemorativa”¹⁸. No entanto, com a mudança de ditador também houve mudanças no formato do que se esperava realizar no ano de 1972.

Assim, o que foi pensado para programar e ditar as regras dos eventos era uma Comissão que começou a ser instituída em outubro de 1971 a partir do Decreto nº69.344 que designava uma Comissão Nacional para programar e coordenar as comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil. Essa comissão era integrada pelos Ministros de Estado da Justiça, da Marinha, do Exército, das Relações Exteriores, da Educação e Cultura e da Aeronáutica, pelos Chefes dos Gabinetes Militar e Civil da Presidência da República, e pelos Presidentes das seguintes entidades: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Conselho Federal de Cultura, Liga de Defesa Nacional, Associação Brasileira de Imprensa, Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) e Associação Brasileira de Rádio e Televisão (ABRATE) e considerava que as comemorações deveriam “estender-se pelo mais elevado espírito cívico e patriótico”¹⁹. Além disso, esse decreto em seu terceiro artigo previa a formação de uma Comissão Executiva Central e possíveis Subcomissões, o que aconteceu em 13 de janeiro de 1972 através do Decreto nº69.922.²⁰

A Comissão Executiva Central (CEC) teve todos os seus membros escolhidos pelo ditador que ocupava a presidência da república. Assim, Médici escolheu o general do exército Antônio Jorge Correia para presidir a comissão. Essa comissão determinava tudo o que aconteceria oficialmente em relação aos 150 anos de Independência, assim como estabelecia de que forma elas deveriam ser feitas. Outro aspecto principal da CEC em relação aos eventos oficiais dessa efeméride era a tentativa de associá-los diretamente ao regime militar brasileiro.²¹ A historiadora Thaisy Sosnosky em sua dissertação de mestrado *Historiografia e memória: Biblioteca do Sesquicentenário da Independência do Brasil (1972)* comenta sobre um relatório produzido pela comissão que em certos trechos percebe-se “que mais do que comemorar a Independência em seu sesquicentenário, a intenção dos festejos era comemorar o momento

¹⁸ REI, Bruno Duarte. **Celebrando a pátria amada: esporte, propaganda e consenso nos festejos do sesquicentenário da Independência do Brasil (1972)**. 1º ed. Rio de Janeiro: 7letras, 2020. p.27.

¹⁹ BRASIL. Decreto nº 69.344/1971. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, p.8.179, 8 out. 1971.

²⁰ BRASIL. Decreto nº 69.922/1972. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, p.305, 13 jan. 1972.

²¹ ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. **O Regime Militar em festa: a comemoração do Sesquicentenário da Independência brasileira (1972)**. 2009. Tese (Doutorado em História Social) - UFRJ. Rio de Janeiro, 2009.

presente.”²² o que denota que a ditadura estava de fato preocupada em se promover a partir das festividades. Ademais, a CEC também contava com Subcomissões Especiais responsáveis por assegurar uma natureza variada dos festejos, pois era importante tentar alcançar todos os brasileiros de alguma forma, seja por meio de um cortejo fúnebre, ou partidas de futebol.

Sendo assim, o primeiro evento oficial marcador da abertura do Sesquicentenário da Independência do Brasil foi o Encontro Cívico Nacional ocorrido no dia 21 de abril de 1972 às 18 horas e 30 minutos. O presidente da CEC determinou que “em todo o país, será ouvido o discurso do presidente Garrastazu Médici, seguindo-se os atos de hasteamento da bandeira, ao som do hino nacional, cantado pelo povo reunido numa grande concentração, em lugar público, a céu aberto”²³. A ideia era que todos os brasileiros, metaforicamente, estivessem reunidos e cantassem o hino em uma só voz. Em cada Estado do país houve certa liberdade de associar o Encontro Cívico com outra programação que chamasse o público, no caso do Rio de Janeiro e São Paulo horas antes aconteceram partidas de futebol.²⁴ Já em Porto Alegre uma programação musical lotou a Praça da Matriz²⁵ e dessa forma o primeiro evento em alusão aos 150 anos de independência aconteceu como o esperado.

O curioso foi a data escolhida para a abertura dos festejos, o dia de Tiradentes, que desde 9 de dezembro de 1965 a partir da Lei nº4.897 era considerado o “Patrono da Nação Brasileira”²⁶ e, portanto, faria sentido associar a sua figura às comemorações visto que o alferes foi um promissor na reivindicação pela independência do país já em 1792. Todavia, sua figura era associada a um plebeu, que no final da sua luta havia sido derrotado. Dessa maneira, a figura de Tiradentes em meio aos eventos daquele ano ficaram atreladas apenas à data escolhida para o Encontro Cívico Nacional, marcando o início de tudo o que seria programado. O verdadeiro herói do Sesquicentenário da Independência do Brasil, porém, seria outro homem: D. Pedro I. Como analisa a historiadora Janaína Martins Cordeiro, a figura de Tiradentes era polêmica e

²²SOSNOSKY, Thaisy. **Historiografia e memória: Biblioteca do Sesquicentenário da Independência do Brasil (1972)**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) - UFG. Goiânia, 2013. p.36

²³CORDEIRO, Janaina Martins. **A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento**. 1º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p. 114

²⁴DYSARZ, Carmen Virginia Pereira. **As comemorações do Sesquicentenário da Independência em 1972 e suas possibilidades pedagógicas**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - UNIRIO. Rio de Janeiro, 2020. p.28

²⁵ *Zero Hora*, Porto Alegre, 22 de abril. 1972. p. 2 - 3.

²⁶ BRASIL. **Lei nº 4.897, de 9 de dezembro de 1965**. [versão online]. Declara Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, Patrono da Nação Brasileira. Brasília: Presidência da República, 1965. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/14897>. Acesso em 15/07.

subversiva: “como festejar o *inconfidente* — o *traidor* — da coroa portuguesa?”²⁷ Portanto, era preciso pensar em alguém que transmitisse ideais alinhados com os do regime militar:

“Naquele momento, o importante era consagrar como herói a figura que transpirava autoridade, poder de *mando* e *comando*. A escolha do imperador fazia, assim, o *elogio da autoridade* que no passado, da mesma forma como no presente, não havia sido eleita, mas era *aceita*”²⁸

Para isso, ainda no ano de 1971 já ocorriam movimentações para preparar esse momento que iria exaltar o imperador, com a solicitação ao presidente de Portugal, Américo Thomaz, para a vinda e guarda dos restos mortais de D. Pedro I.²⁹ Esse contato foi positivo e originou o traslado e périplo do falecido imperador pelas principais capitais do ex-império que ele governou e proclamou a Independência. Assim, os olhares se voltaram para uma urna funerária, que agora regressaria para o Brasil e daria início a uma extensa peregrinação por mais de 26 cidades do país, passando por todos os estados brasileiros.³⁰ Ao final, os restos mortais seriam depositados no Monumento do Ipiranga às margens do local onde 150 anos atrás ele teria libertado o Brasil.

Entretanto, antes do seu descanso eterno era preciso executar toda a viagem de vinda de Portugal ao Brasil, além dos inúmeros destinos a serem visitados. Para isso, a CEC organizou um documento que regulamentava os processos a serem seguidos. Carmen Virginia Pereira Dysarz em sua dissertação de Mestrado em Ensino de História expõe detalhes do documento, que foi intitulado “Transporte e deslocamento” e

“determinava o cerimonial do recebimento dos despojos, informando procedimentos, horários, e a forma de entrega e recebimento dos despojos, inclusive dando detalhes do modelo de avião a ser utilizado, o C-115 ,conhecido como o “Búfalo” da Força Aérea Brasileira (FAB), o qual deveria decolar exatamente no horário preestabelecido.”³¹

Não apenas isso, o transporte terrestre também deveria seguir um ritual, sendo feito exclusivamente por um veículo oficial. No momento da entrega dos despojos de um Estado ao outro os Governadores deveriam estar presentes e discursar para a plateia, que depois cantaria o Hino da Independência juntamente com um coral. Por fim, Carmen comenta que o documento

²⁷CORDEIRO, Janaina Martins. **A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento**. 1º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p.107

²⁸ Ibid. p. 107.

²⁹ Ibid. p. 51.

³⁰ ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. **O Regime Militar em festa: a comemoração do Sesquicentenário da Independência brasileira (1972)**. 2009. Tese (Doutorado em História Social) - UFRJ. Rio de Janeiro, 2009. p.13

³¹ DYSARZ, Carmen Virginia Pereira. **As comemorações do Sesquicentenário da Independência em 1972 e suas possibilidades pedagógicas**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - UNIRIO. Rio de Janeiro, 2020. p.38

incentiva intensa campanha de divulgação e máxima participação possível de estudantes.³² Tudo isso, reforça as preocupações que o governo tinha para que as festividades atingissem o objetivo proposto pelo regime ditatorial e o público civil participasse amplamente em todos os festejos.

Assim, apenas o corpo de D. Pedro I chegou no Estado da Guanabara em 22 de abril de 1972, porque o seu coração permaneceria na cidade do Porto, local que escolheu deixá-lo em testamento. Nota-se que a data escolhida para a chegada dos restos mortais nada tem de neutra, pois é conhecida como o dia em que os portugueses pisaram em solo brasileiro pela primeira vez. Dessa forma, novamente, haveria uma chegada portuguesa ao Brasil, mas agora não mais colônia e sim país independente. Era essa a visão de virada no jogo que o governo procurava, uma simbiose amistosa entre colonizador e colonizado simbolizada na figura do imperador que agora estaria dividido entre as duas nações.

A viagem de travessia do oceano Atlântico durou 12 dias, feita pelo Transatlântico Funchal. Após ficar 2 dias no Rio de Janeiro a urna funerária seguiu sua peregrinação com destino a Porto Alegre. Aqui, na capital do Rio Grande do Sul, chegou por volta das 15 horas no aeroporto Salgado Filho que aguardava o esquife com um tapete de veludo vermelho na pista. Depois, os despojos seguiram em um blindado M-113 pela Avenida Farrapos até o Viaduto Loureiro de Lima onde foram transferidos para uma luxuosa carruagem fúnebre da Santa Casa da Misericórdia fabricada em 1854.³³ Durante todo o percurso havia uma forte presença de público escolar acompanhando o trajeto. Bruno Duarte Rei cita uma fonte do Arquivo Nacional que revela que a expressividade desse público não foi por acaso “De acordo com ordem da Secretaria da Educação, todas as escolas que estivessem em um raio de dois quilômetros de distância deveriam posicionar seus alunos ao longo do trajeto do cortejo, devidamente uniformizados e acompanhados de seus professores.”³⁴ Essa presença, de estudantes locais, se tornará constante nos festejos, muitas vezes executando tarefas, como os corais do Instituto de Educação Flores da Cunha e dos cadetes da Academia de Polícia Militar que entoaram os hinos nesse dia. Isso ressalta o bom desenrolar do que a CEC mandava com a regulação, como a presença e discurso dos governadores dos dois estados aos quais o périplo seguia. Toda essa sequência ritualística de hinos e discursos ocorreram na Praça da Matriz, em um público total estimado em 10 mil pessoas.³⁵ Por fim, os Restos Fúnebres foram acomodados

³² Ibid. p. 39.

³³ REI, Bruno Duarte. **Celebrando a pátria amada: esporte, propaganda e consenso nos festejos do sesquicentenário da Independência do Brasil (1972)**. 1º ed. Rio de Janeiro: 7letras, 2020. p.71.

³⁴ Ibid. p. 70.

³⁵ Ibid. p. 72.

no Salão Negrinho do Pastoreio, no Palácio Piratini, onde às 18h deu-se início às visitas públicas até o dia 29 de abril. Ao total 61.898 pessoas visitaram os restos mortais na capital gaúcha, o que seria um número recorde.³⁶

Ao longo dos próximos 4 meses, até chegar o esperado mês de setembro, outras tantas cerimônias aconteceram em todo o país. Principalmente eventos de caráter esportivos, que Bruno Duarte Rei detalha com mais afinco em seu livro *Celebrando a pátria amada: Esporte, propaganda e consenso nos festejos do Sesquicentenário da Independência do Brasil (1972)* e que tinham forte presença estudantil. Outras tantas alusões às comemorações de forma extraoficiais também são conhecidas, como bailes, produtos comerciais e filmes. Tudo isso, demonstra como houve uma grande adesão propagandística para com a data histórica que estava sendo utilizada para comemorar e inflar a popularidade do regime ditatorial. Em Porto Alegre, especificamente, percebemos que os primeiros eventos aconteceram em ótima maneira, ou até de forma superior do que se esperava pelas autoridades vigentes.

Dessa forma, te convido a pensar um pouco sobre o ato de comemorar: quando e o que tu costumava comemorar? e de que maneiras? A nível pessoal, uma data que costuma sempre ser comemorada é o nosso aniversário. Todo ano refletimos um pouco para planejar esse dia, e organizar como queremos vivê-lo e principalmente com quem queremos dividir esse tempo especial de nossa existência. Também costumamos utilizar essa data para lembrar tudo o que vivemos no último ano, quais foram os avanços e conquistas, ou até mesmo lembrar o que não foi tão bom e conseguimos superar, ou está nesse processo. Utilizo esse exemplo, porque o dia da Independência de um país é como se fosse o aniversário dessa nação. Portanto, o 07 de setembro no Brasil é o dia do seu nascimento como nação independente, que ao longo dos tempos da Primeira República foi se estabelecendo como a data de fundação da nação.³⁷ Acredito que o fato desse dia ser estabelecido como feriado nacional desde 1949 contribuiu para a data ser todo ano lembrada; contudo, diferentemente do nosso aniversário, que é sempre gerido por nós mesmos, o aniversário da pátria se molda a partir do governo que o projeta. Então, em 1972 o projeto era utilizar esse aniversário para reforçar a História de um país que “crescia” e estava superando as ameaças subversivas.

O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior em seu texto *A necessária presença do outro, mas qual outro? reflexões acerca das relações entre memória, história e*

³⁶CORDEIRO, Janaina Martins. **A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento**. 1º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p 71

³⁷SOSNOSKY, Thaisy. **Historiografia e memória: Biblioteca do Sesquicentenário da Independência do Brasil (1972)**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) - UFG. Goiânia, 2013. p.40.

comemorações comenta sobre a raiz da palavra comemoração, que vem do latim e remete ao verbo *memorare* “que significa trazer à memória, fazer recordar, lembrar”, logo a preparação de uma comemoração atravessa a decisão de definir o que será lembrado, pois “a comemoração seria a necessária evocação de uma memória, ela estaria ligada a fatos, a atos e a pessoas memoráveis, atos ou pessoas não só dignos de ser trazidos à lembrança, mas que deveriam ser lembrados, que não poderiam ou não podem deixar de ser recordados”³⁸. No contexto do Sesquicentenário da Independência do Brasil era preciso lembrar ideais de poder e autoritarismo, algo, ou alguém que não colocasse a prova a obediência que a ditadura civil-militar estabelecia à sociedade. É dentro desses preceitos que D. Pedro I, um militar e homem da nobreza foi escolhido para ser lembrado. Entretanto, as narrativas de como ele seria apresentado nos eventos faria toda a diferença, por isso havia todo um cuidado de regulação perante os discursos.

Outro fator de suma importância para uma comemoração são seus convidados, “a comemoração é, de saída, um ato coletivo, uma ação que só se pode realizar acompanhado, uma ação que convoca e exige a presença de um outro”³⁹. Consequentemente, haveria todo um cuidado para que o público estivesse presente nas comemorações dos 150 anos da Independência do seu país, mas sobretudo saísse dessa efeméride com os pensamentos alinhados com o que o governo esperava transmitir, sendo assim, as comemorações teriam “uma enorme importância na construção da coesão social”⁴⁰. Esse ideal de união e igualdade é sempre muito almejado em governos ditatoriais, que esperam que todos se tornem pertencentes a um só povo, a uma só nação, algo bastante expressado no evento de abertura dos festejos, o Encontro Cívico Nacional.

Ademais, o historiador Pedro Henrique Batistella, ressalta a importância de olhar para a questão de como comemorar é um ato coletivo e como o Estado-Nação utiliza da história para a construção de uma identidade e memória nacional. Uma efeméride, quando se trata de uma rememoração da pátria é sempre pautada em uma memória coletiva, e de acordo com o historiador é mediada por símbolos, ritos, textos, monumentos e outros ingredientes que possibilitam a formação dessa identidade nacional sem dissonâncias. Então, “a função básica das comemorações nacionais conecta-se à tarefa de ligar o indivíduo à comunidade constituindo-se em políticas pedagógicas para a construção e manutenção de laços individuais

³⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. “A necessária presença do outro, mas qual outro? Reflexões acerca das relações entre memória, história e comemorações”. In: **O tecido dos tempos (novos ensaios de teoria da história)**. São Paulo: Intermeios, 2019. p.179.

³⁹ Ibid. p. 182.

⁴⁰ Ibid. p. 181.

com a memória e a identidade coletiva.”⁴¹ No entanto, a produção de uma memória e identidade coletiva no caso de certos Estados-Nação, como o Brasil de 1972, causa a exclusão daqueles que não eram bem vistos dentro do ideal de brasileiro, ou seja, aqueles que a ditadura chamava de comunistas, os inimigos da nação. Ou até mesmo aqueles que eram vistos como um atraso e por isso não tinham espaço dentro do país do futuro:

“Dessa forma, a construção da identidade e memória nacional como representação unitária e homogênea funcionam enquanto estratégias de ocultação dos processos de racialização excludente, modalidades de heteronormatividade de gênero e estruturas patriarcais e liberais. Assim, a nação não é somente um lugar de enunciação hegemônico como também um enunciado manifestado através de práticas performáticas como as comemorações.”⁴²

Nesse sentido, a História foi utilizada nas comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil por meio de usos do passado que apenas consideravam negros, indígenas e demais civis que não estavam dentro do ideal político e cis-heteronormativo na lógica da democracia racial que o regime ditatorial defendia. A fim de “exaltar o caminho do progresso nacional” a “re-presentificação do passado” é “enunciada nas práticas comemorativas nacionais”⁴³ possibilitando a renovação de laços de memória e identidade nacional, bem como a construção de um “Outro” a ser excluído da história.

Além disso, a comemoração também costuma ter um apelo emocional, de maneira a ser mais fácil chegar no objetivo de conectar o público com o que pretende ser lembrado e difundido. A memória humana muitas vezes é disparada a partir de sentimentos e sensações, por isso era preciso programar eventos que alcançassem essa dimensão no público. Contudo, “através da teatralização e do espetáculo a população é convidada a participar, mas não a discutir e pensar os eventos.”⁴⁴ o que reforça uma dicotomia de presença e ausência nos eventos e fortalece a negociação entre qual passado e futuro iria ser escolhido para compor o presente, como aponta Thaisy Sosnoski “O governo Médici mais que garantir que o objeto comemorado existiu, em parceria com o IHGB procurou reforçar a narrativa conservadora acerca da Independência, valorizando um determinado passado, que era apropriado segundo sua política.”⁴⁵ Portanto, as comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil

⁴¹BATISTELLA, Pedro Henrique. **A atualização do passado em disputa: historiadores(as), movimentos sociais e comemorações nacionais**. 2022. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2022. p. 45

⁴² Ibid. p. 47.

⁴³ Ibid. p. 51.

⁴⁴SOSNOSKY, Thaisy. **Historiografia e memória: Biblioteca do Sesquicentenário da Independência do Brasil (1972)**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) - UFG. Goiânia, 2013. p. 39

⁴⁵ Ibid. p. 46.

estavam enraizadas de contradições, mas que aos olhos do público convidado pouco, ou quase nada eram notadas. Isso fez com que fossem consideradas um sucesso aos olhos do regime.

No entanto, essa memória das comemorações, que em 1972 reforçou o ufanismo da pátria, ao longo dos anos foi se diluindo e sendo modificado. Em vista disso, Janaina Martins Cordeiro nos lança questionamentos e reflexões extremamente importantes sobre esse período, como a cotidianização da festa. Ao todo foram quase seis meses de comemoração, embora os eventos grandiosos tenham sido de número expressivos, é difícil uma festa sobreviver a tanto tempo com público significativo, como o que ocorreu nos 150 anos da pátria. Sendo assim, a comissão e subcomissões que organizam os festejos trabalharam para estimular e sensibilizar a vida do dia a dia das pessoas, “sendo capazes de mobilizá-las em seus ambientes cotidianos: escolas, bairros, sindicatos, supermercados, estádios de futebol etc.”⁴⁶. Isso possibilitava que a sociedade entrasse em contato com a atmosfera comemorativa que estava sendo criada, independente de querer ou não acessá-la. A historiadora chama a atenção que devemos olhar para o Sesquicentenário da Independência do Brasil a partir dos civis, pensando-os como objetos ativos para a manutenção da ditadura, pois como as pessoas agiram e reagiram cotidianamente a toda teatralização dos eventos forma a complexidade desse momento:

“pessoas comuns que, na reprodução do seu cotidiano, podiam mesmo expressar ou se posicionar contra o governo, ou mesmo nunca ter se expressado sobre tais questões, mas que, de alguma forma, compunham aquela *mise-en-scène*, se adaptando, por bem ou por mal, às circunstâncias, partilhando de algumas de suas opiniões, desprezando outras, mas, ao fim, *consentindo*.”⁴⁷

Dessa maneira o período é marcado por um paradoxo na memória coletiva. Enquanto no presente de 1972 existia um “milagre econômico” que possibilitava ascensão econômica de algumas camadas privilegiadas da sociedade, outros eram perseguidos, censurados ou empobreciam. Além disso, o milagre só era possível de ser vislumbrado no presente dentro de uma ótica específica, que considerava uma determinada visão de passado e um futuro promissor. Essa visão era pautada nos grandes homens da nação e na construção de algo promissor, questões rememoradas nas comemorações. Contudo, se 1972 era um “ano de ouro” posteriormente “a memória ressignificaria a partir da metáfora — unilateral — de *anos de chumbo*.”⁴⁸ Sendo assim, o período é lembrado como o mais repressivo da história do país, em

⁴⁶ CORDEIRO, Janaina Martins. **A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento**. 1º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p.328

⁴⁷ Ibid. p. 339. (grifos originais).

⁴⁸ Ibid. p. 324. (grifos originais).

meio a contraposições de repressão e resistência, que fazem com que o que é paradoxal seja esquecido, ou melhor dizendo, não seja lembrado. Então:

“No que tange às comemorações do sesquicentenário, ou antes, ao silêncio em torno da adesão social à festa, é importante destacar que ele não se constitui em caso único na memória sobre o período. Ao contrário, as manifestações públicas de apoio à ditadura em geral têm tido o mesmo destino: o *silêncio*. A sociedade não *esqueceu* esses eventos, mas *falar deles, lembrá-los* como atividade conscientemente realizadas por expressivos segmentos parece causar desconforto.”⁴⁹

Portanto, essa comemoração do aniversário da pátria é como se fosse uma ferida ainda em processo de cicatrização na memória social, há uma camada que a protege da dor, mas para isso ela não pode ser tocada. É difícil aceitar que uma grande parte da sociedade, das mais variadas formas, conviveu harmoniosamente com a ditadura imposta e até esteve nas ruas, estádios e demais locais públicos comemorando uma memória manipulada pelo Estado-Nação. É igualmente complicado de assimilar o fato de que uma numerosa quantidade de pessoas era totalmente indiferente ao que estava acontecendo, apenas levando suas vidas sem pensar no contexto político daquele tempo. Por conseguinte, irei explorar esse paradoxo na cidade de Porto Alegre, naquele que estava programado para ser o grande dia, o 7 de setembro de 1972.

⁴⁹ Ibid. p. 333.

CAPÍTULO 2 | A FESTA ACONTECE, EM QUAL TEMPO? UMA ANÁLISE DA ENCRUZILHADA HISTÓRICA DO DIA 07 DE SETEMBRO DE 1972

O aguardado dia chegou: 7 de setembro de 1972. Nesse momento a nação brasileira completaria 150 anos de emancipação política em relação ao seu colonizador. Seria comemorado o tão importante “aniversário” do Estado-Nação, que há mais de 6 meses vinha sendo preparado. Neste trabalho de conclusão de curso resolvi me debruçar sobre essa data, pois para além de tudo o que foi rememorado no decorrer daquele ano de festa, queria investigar quais foram os usos do passado que permaneceram ao longo daqueles meses festivos, culminando no dia final. Além disso, a possibilidade e escolha por fazer uma anamorfose contribui para a análise desse dia comemorativo.

O historiador Daniel Faria, que difunde o conceito de anamorfose e já produziu três escritos que tiveram como objeto de análise um dia específico, salienta que “o conceito de anamorfose foi escolhido após uma reflexão sobre a propriedade de se nomear esse tipo de abordagem como “história de um dia”⁵⁰. Quando no título de um livro, artigo, etc. temos o termo “história”, surge um pensamento de que a totalidade daquele assunto estará concentrada naquelas páginas. Talvez para os historiadores seja evidente que a escrita histórica nunca abarca todos os detalhes, mas ao leitor, que pode ser uma pessoa com qualquer formação, nem sempre isso fica explícito. Portanto, “o conceito de anamorfose indica uma perturbação proposital nessa perspectiva, um artifício baseado na escolha de um ponto de vista pouco usual.”⁵¹ Não se trata de esgotar a análise, mas se abrir para as possibilidades que vão além do que nos habituamos. A ideia então é “menos a montagem de um mosaico possível para um dia singular e mais a de pensar um dia como uma encruzilhada histórica”⁵². Porque passado, presente e futuro vivem se atravessando no viver do cotidiano, que algum dia talvez chamaremos de História.

Agora, convido quem está lendo este texto a adentrar nessa outra lógica de analisar o dia 07 de setembro de 1972. Estar disposto a ser atravessado por vários fios do tempo e pensar nesse evento a partir de suas múltiplas camadas. Realizo esse processo por meio da minha experiência pessoal de contato com as fontes e investigação de como elas me possibilitaram traçar essa encruzilhada histórica. A pessoa que ler o texto irá observar duas conduções: uma em parágrafos recuados e em itálico, em que descrevo minha experiência e descrição das fontes

⁵⁰ FARIA, Daniel. Anamorfose do dia 08 de maio de 1970 - ou: O mito em posição de alerta. In: KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei (org). **Do Fake ao Fato: des(atualizando) Bolsonaro**. Vitória: Editora Milfontes, 2020. p. 101.

⁵¹ Ibid. p. 101.

⁵² Ibid. p. 102.

e a outra em texto normal, em que analiso-as. Divido minha observação em dois momentos: tempo imediato e tempo profundo. O primeiro, conduzo pelos fios do presente, futuro e passado recente da perspectiva daquele ano; o segundo, estico pelo fio do passado mais distante e muitas vezes dito como histórico que reverberaram no presente comemorativo.

2.1 TEMPO IMEDIATO

Abril de 2024, resolvo ir uma última vez no acervo do Museu José Hipólito da Costa, pesquisar e registrar imagem dos jornais de Porto Alegre na primeira semana de setembro de 1972. Maio de 2024, a chuva não para de cair no Estado e na cidade, o Museu fecha, a luz acaba, a água, que é abundante na rua, não chega mais na torneira. Todos são afetados. Junho e Julho de 2024, os atingidos direta ou indiretamente pela enchente tentam se reerguer. Tento retomar a escrita do meu trabalho de conclusão de curso, daqui a pouco é quase Agosto, minha data limite. Volto meu pensamento para 1972.

Zero Hora, 06 de setembro de 1972, a página 24 anuncia: “Dia sete de setembro. Zero Hora em ritmo de sesquicentenário. Você encontrará, em todas as bancas, amanhã, a edição especial do seu jornal Zero Hora. Um marco extraordinário nos festejos de nossa Independência.”⁵³ Já a página 17 tem a imagem de uma criança, pintando a bandeira do Brasil e a legenda “O Conglomerado Banestado está confiante na geração que vai continuar o trabalho de engrandecimento do país”⁵⁴, enquanto o Box Semana da Pátria, na página 25 denuncia o caso de duas crianças que não puderam participar do desfile, porque não tiveram dinheiro para comprar o uniforme. Eles foram suspensos por 10 dias do colégio e sofreram, juntamente com os pais, represálias da diretora e professoras⁵⁵.

Em 1972, o rádio e o jornal eram os meios de comunicação mais utilizados para a informação. Enquanto uma empresa confia na geração de crianças que “vai continuar o trabalho de engrandecimento do país” o colégio as repreendeu por não ter comprado o uniforme pretendido. Isso demonstra a rigidez que permeava aqueles tempos e a preparação daquela

⁵³ *Zero Hora*, Porto Alegre, 06 set. 1972. p. 24.

⁵⁴ *Ibid.* p. 17.

⁵⁵ *Ibid.* p. 25.

comemoração. Percebemos que as crianças estavam envoltas pela mesma atmosfera ditatorial. Tudo deveria estar perfeito, conforme o solicitado, e o jornal promete que fará a sua parte de ser um “marco extraordinário nos festejos” tendo uma edição especial para aquele momento. Afinal, as comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil foram programadas a partir de regras pré-estabelecidas pelas comissões, subcomissões e CEC. O dia 7 de setembro foi escolhido o grande marco dessa celebração, o que justifica uma edição especial do jornal. O presente caminha juntamente com o passado e está olhando para o futuro daquele processo.

O Box Semana da Pátria segue na página 25 e 26 do dia 06 de setembro de 1972 e o texto “Programação para o dia sete” detalha a hora e o local de tudo que vai acontecer em Porto Alegre, como: “As 17h, Hora da Pátria, todos os sinos, sirenes, buzinas e apitos de fábricas e navios tocarão em homenagem ao Sesquicentenário. E nesse mesmo instante, na avenida Independência com Praça Dom Sebastião, será inaugurado um Marco-Monumento, onde haverá culto ecumênico, sendo orador o Prefeito Telmo Thompson Flores”⁵⁶. Além do informativo “Atenção para o esquema especial de trânsito que funciona amanhã”⁵⁷ em que é detalhado todas linhas de ônibus que sofreram alterações na rota, o informativo cita as ruas que ficarão liberadas para os desfiles, sendo algumas delas: avenidas Borges de Medeiros, Salgado Filho e João Pessoa.

Esses detalhes do trânsito e da programação para o dia 7 nos dão uma dimensão de como todo o espaço da cidade estava envolvido nos festejos. Ruas que foram fechadas 24h antes para impedir que carros estacionassem e tirassem o espaço que o tradicional desfile do dia da Independência ocuparia. Ademais, a hora específica para sinais sonoros me faz pensar em pessoas que talvez não soubessem o que iria acontecer aquele dia, mas que às 17h escutaram tantos sinos, buzinas e apitos que ficaram em alerta para saber o que aconteceu, talvez ligando o rádio naquele momento, ou perguntando para os vizinhos. Novamente, assim como no dia 21 de abril com o Encontro Cívico Nacional, percebemos a elaboração de um ato que gera união e coesão, mantendo todas as pessoas juntas na celebração.

Chego na esperada edição do Zero Hora do dia 07 de setembro de 1972, que foi anunciada com antecedência nas mesmas páginas de outras edições do jornal.

⁵⁶ Ibid. p. 25.

⁵⁷ Ibid. p. 26.

Estava curiosa para saber o que seria diferente e marcante a ponto de ser tratado como “especial”. Ao primeiro contato com aquela edição vislumbro o seu tamanho, umas 80 páginas, o que é bem mais volumoso do que as costumeiras 40 das outras edições. No interior da edição uma diagramação até que parecida com o habitual, porém mais de 50% das páginas do jornal mencionavam o Sesquicentenário da Independência do Brasil. Sendo o maior contingente referente a propagandas alusivas aos festejos. A capa cita “é o dia maior do Sesquicentenário”⁵⁸ e do lado do símbolo colorido de 1822 se transformando em 1972 o informativo de “edição especial”. Na segunda página, letras maiores informam que a “Programação que iniciou em 21 de abril chega hoje ao fim com a parada tradicional e extinção do fogo simbólico à meia-noite”⁵⁹

A importância dada para o dia era esperada, visto que toda a comemoração girava em torno desse dia, ele que seria o desfecho desse momento que o governo planejava desde o início do ano como o grande dia. Dessa forma, o jornal me parece ter sentido a necessidade de estar junto nos planos, de acordo com o que estava sendo ditado. Então a edição do dia 07 precisa ir além do normal, deveria e foi “grande”. A utilização de símbolos visuais e oficiais, como a bandeira do Brasil e o 1822 que se transforma em 1972, reforça a memória imagética da população, construindo uma identidade visual hegemônica da festa da nação. Nesse dia, também seria extinto alguns dos atos daquela comemoração, a exemplo o Fogo Simbólico⁶⁰, que teria a sua chama apagada à meia-noite do dia 07, simbolizando uma finalização da comemoração. No entanto, o que vemos nas páginas seguintes do jornal é muito uma ideia de continuação, tentando fazer permanecer aceso no futuro aquela efeméride.

Na página 5 a lojas Renner faz sua propaganda alusiva com a imagem de um jovem com o símbolo de paz e amor e no texto escreve: “Foi o gesto de um jovem. Poucos lembram que Dom Pedro tinha apenas 23 anos quando proclamou a nossa independência. Era um jovem inquieto, arrebatado e

⁵⁸ *Zero Hora*, Porto Alegre, 07 set. 1972. p. 01.

⁵⁹ *Ibid.* p. 02.

⁶⁰ Para saber mais Cf. REI, Bruno Duarte. A apropriação de uma tradição inventada: um olhar sobre a Corrida do Fogo Simbólico da Pátria. In: REI, Bruno Duarte. **Celebrando a pátria amada: esporte, propaganda e consenso nos festejos do sesquicentenário da Independência do Brasil (1972)**. 1º ed. Rio de Janeiro: 7letras, 2020. p. 151-214.

impulsivo[...] Foi um gesto de rebeldia que começou uma nova era. Hoje, 150 anos depois, com a mesma força de um jovem daquele primeiro impulso, estamos mostrando ao mundo como se constroi uma nação forte, livre e progressista. Nossa saudação na festa do amor e da paz”⁶¹. A página 9, percebo que mostra a juventude ainda mais precoce com a propaganda da General Motors, que tem imagem de um bebê e a legenda “de trás desse olhar 150 anos de liberdade vos contemplam”⁶².

Essas propagandas enfatizam uma ideia de futuro, mesmo que lembrando dos acontecimentos do passado. A partir das crianças e jovens daquele presente comemorativo se tem uma ideia de projeção do Brasil que continuará, agora “forte, livre e progressista”. As crianças e jovens, sobretudo aquelas que eram estudantes em 1972, tiveram grande participação nos eventos, pelo jornal percebemos que além de estarem presentes como público dos eventos, foram atores da cena até mesmo em propagandas. Outra questão é a junção da figura juvenil àquele que foi escolhido como o herói da festa, D. Pedro I, que como abordado no Capítulo 1 não foi escolhido por acaso, visto que o país possuía outros mártires disponíveis em seu panteão de heróis cívicos.

Mas na página 26 vejo uma possível oposição “Independência: uma aventura?” um texto de autoria de “conselheiro Poty Medeiros, Presidente da L.D.N e da Comissão Executiva Estadual Coordenadora das Comemorações do Sesquicentenário” em que afirma “Não constitui uma aventura a Independência. A Nação, de Norte a Sul, comovente e comunicativa, num só pensamento e ao mesmo impulso, festeja agora o Sesquicentenário do Grito do Ipiranga. E, vale registrar, no ano em que se reconhece e se proclama, aqui e alhures, por entre o testemunho de realizações fecundas, clima de ordem e paz, o que se resolveu chamar de Milagre Brasileiro”⁶³ e cita que Porto Alegre e o interior do Estado “apresentam, nesta semana, como demonstrativo do seu ufanismo, pelo transcurso dos 150 anos da emancipação política do Brasil”⁶⁴ concluindo “O Brasil, neste século e meio de existência soberana, revelou, e

⁶¹ Ibid. p. 05.

⁶² Ibid. p. 09.

⁶³ Ibid. p. 26.

⁶⁴ Ibid. p. 26

bem, capacidade de autodirigir-se, de marchar sozinho, consciente e seguro de suas energias, em busca de nobres objetivos”⁶⁵

Não há espaço para discordâncias na comemoração do Sesquicentenário da Independência do Brasil. A rebeldia do jovem, dito como impulsivo e inquieto nas propagandas, no fim não se opõe a aventura do processo de independência, pois esse processo teria sido bem sucedido, revelando um “clima de ordem e paz” capaz de se autodirigir sozinho, seguro e em busca dos objetivos, que seria o “milagre”. Assim, o texto produzido por alguém que era do governo está presente no jornal reforçando as visões oficiais, tentando produzir um prestígio ainda maior ao momento. E reforçando que a capital e o Estado estão demonstrando o que era proposto, abrangendo os principais festejos e sendo bons brasileiros.

A Companhia Brasileira de Petróleo - Ipiranga S.A. enfatiza o ato de D. Pedro I, em uma homenagem ao “O grito e o Eco” , citando, na página 33 da edição do dia 07, que “O grito foi em 1822. Das margens do Ipiranga, Dom Pedro avisou ao mundo que o Brasil estava livre, pronto para seguir o seu destino de nação forte. O eco aconteceu em 1937, num mesmo 7 de setembro. Em Rio Grande foi fundada a Ipiranga S.A.”⁶⁶. Outra Sociedade Anônima, agora de Outdoor e Publicidade, também ressalta D. Pedro I na página 71 da mesma edição com a frase “Às margens do Ipiranga, em outras palavras, D.Pedro I disse: ‘Ninguém segura este Brasil’⁶⁷

É perceptível que todos queriam de alguma forma fazer parte daquela celebração, serem incluídos. A fundação da Ipiranga S.A. ser no dia 07 de setembro precisa ser citada, porque é como se isso unisse a Companhia com a história e rememoração do momento. Além de utilizar a figura maior daquele ano, o Imperador que durante todo o ano estava sendo exaltado. Agora, a sua famosa frase “Independência ou morte!” se transformava em “Ninguém segura este Brasil”, reproduzindo a lógica de potência, liberdade e projeção de futuro que o governo ditatorial tanto almejava e ficou conhecido como “milagre econômico”. Entretanto, como apontado no Capítulo 1, esse processo só existia dentro da visão que projetava o país como promissor e desconsiderava os que não estavam ascendendo socialmente.

⁶⁵ Ibid. p. 26

⁶⁶ Ibid. p. 33.

⁶⁷ Ibid. p. 71.

O Fundo Alfa de Desenvolvimento, administrado pelo Banco de Investimentos do Brasil, também utiliza a data, mas com o objetivo claro de uma propaganda “7 de Setembro de 1972. Boa data para você proclamar a sua independência”⁶⁸. De maneira não muito diferente da página 11, agora a Serpro, empresa vinculada ao Ministério da Fazenda, diz que há 7 anos “ajuda o Brasil a ser uma nação bem informada”⁶⁹. E a Wolens saúda os 150 anos na página 23 dizendo estar “presente na marcha do Brasil para o futuro, salve o sesquicentenário da independência”⁷⁰. Por último, quase da mesma forma, na página 66, a Venax, uma empresa de fogão a gás comenta que: “como o Brasil, tem sempre ideias novas. Sempre com um fogão novo para o seu gosto. Uma indústria que cresce com o Brasil no ano do seu Sesquicentenário”⁷¹

São bastante numerosas as propagandas no jornal Zero Hora do dia 07 de setembro de 1972 que se promovem exaltando a data e a Nação, mirando para o futuro. O milagre econômico que a ditadura civil-militar brasileira propagava parece ficar evidente naquele jornal, em que diversas empresas, indústrias e comércios se colocavam junto no crescimento de um futuro de progresso. Embora a data fosse histórica, a comemoração se dava no presente, e desejava não olhar para trás, mas sim, partir para novas ideias, modelos, tecnologias e independências. O histórico servia como argumento ufanista nas divulgações.

No jornal do dia 08 de setembro na página 3 há uma saudação no canto inferior direito da Federação e Centro das Indústrias do Rio Grande do Sul, Serviço Social da Indústria (SESI) e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) em que descreve “A Independência política só se completa com a Independência econômica. Ao gesto do Ipiranga [...] soma-se o trabalho contínuo de todos os brasileiros, para construir a independência econômica. Operários e patrões [...] todos somam sua contribuição às diretrizes governamentais, para construir a independência econômica deste país e completar, assim, a jornada que se iniciou às margens do Ipiranga.”⁷²

⁶⁸ Ibid. p. 11.

⁶⁹ Ibid. p. 19.

⁷⁰ Ibid. p. 23.

⁷¹ Ibid. p. 66.

⁷² Zero Hora, Porto Alegre, 08 set. 1972. p. 03.

O trabalho também é um ponto frizado como importante nas relações morais que o governo prezava. Uma das qualidades que fazia com que a pessoa preenchesse o ideal de brasileiro, fazendo parte da Nação, era ser um trabalhador⁷³. No país que almejava um futuro grandioso, em que a economia crescia, a valorização do trabalho contribuía para esse engrandecimento e as alusões ao Sesquicentenário da Independência do Brasil podiam abarcar essa questão. A saudação da FIERGS, SESI e SENAI posiciona o trabalho, principalmente o trabalho industrial, como construtores do nacionalismo e da independência do país.

As comemorações do Sesquicentenário da Independência se encerram na edição do Zero Hora do dia 08 de setembro com uma página dupla, cheia de imagens dos tradicionais desfiles ocorridos no dia anterior e a legenda: “Cenas do grande desfile das forças armadas e entidades particulares ontem pela manhã na avenida João Pessoa, ponto alto nas comemorações dos 150 anos de Independência em Porto Alegre. Milhares de pessoas assistiram, durante horas, à apresentação das corporações militares e, no fim, viram até Miss Brasil em carro aberto. As fotos são de Maurecy Santos”⁷⁴. Na página 19, que antecede, um texto descreve muito do que ocorreu naquele desfile como: “As crianças, sempre as primeiras a reagir contra as normas de colocação de assistência, sentaram-se nos meios-fios das calçadas, segurando bandeirinhas do Brasil e balões coloridos”⁷⁵ e “As árvores do Parque Farroupilha” que “eram aos poucos escaladas por aqueles que não encontravam lugar no passeio. Nas sacadas dos edifícios, as pessoas podiam descansar: tinham a visão e o lugar assegurados”⁷⁶. Outros pontos foi o “O alinhamento do Colégio Militar de Porto Alegre” que “despertou a atenção do público, são os passos dos futuros oficiais do Brasil”⁷⁷. E a questão climática também influenciou o evento, pois “O tempo abafado, um sol que não se decidia a parecer forte, mas insistia sobre as cabeças. Uma senhora desmaiou perto da sede do Touring. O povo se apertava e alguns estavam com vontade de ir embora.” e “Euclides Triches

⁷³ Essa ideia foi construída desde a ditadura do Estado Novo por Vargas. Cf. DUTRA, Eliana. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

⁷⁴ *Zero Hora*, Porto Alegre, 08 set. 1972. p. [?].

⁷⁵ *Zero Hora*, Porto Alegre, 08 set. 1972. p. 19.

⁷⁶ *Ibid.* p. 19.

⁷⁷ *Ibid.* p. 19.

*improvisa um para-sol. Sua esposa imita o gesto [...] Um homem de chapéu de palha franze a testa, quase bocejando, solta uma expressão de contrariedade: “de pé é fogo, o tempo abafado e toda essa demora...”*⁷⁸

O dia da Pátria ocorreu em Porto Alegre, e pelas declarações do jornal foi em meio a uma multidão e a um clima não tão agradável. Quem tinha o privilégio de morar nas ruas do desfile e com apartamento com vista para elas desfrutou disso. Os demais e até mesmo as autoridades, como o governador Euclides Triches, tiveram que encontrar alternativas a um típico dia abafado e de sol entre nuvens, em que parece que vai chover, mas não choveu. A ritualidade do evento parece ter sido a mesma de outros tantos que já tinham ocorrido no ano. O militarismo estava mais que presente, tanto pelo desfile das forças armadas, quanto pelos estudantes do Colégio Militar. Contudo, a frase do homem de chapéu de palha dava sinais de que o cansaço também estava presente nos eventos. A constância de eventos, de um discurso unívoco foi produzindo uma rotina de comemoração, que agora era finalizada.

2.2 TEMPO PROFUNDO

*“7 de setembro, ano de 1822, às 16,30 horas, pela voz do Príncipe o brado sempre lembrado: Independência ou morte!”*⁷⁹ *a imagem de um relógio de pulso, parado às 16 horas e 30 minutos de uma quinta dia 7, ornamenta o anúncio da Technos e Scarpini que informa: “estamos com 1.314.900 horas de independência”*⁸⁰

Em meio a todos os festejos, homenagens e propagandas, o passado é utilizado como um dispositivo para recordar e trazer à memória o que é comemorado. Nas edições do Zero Hora do dia 06 de setembro a 08 de setembro diversos usos do passado são operados como forma de transmitir ao leitor pertencimento para com aquela festa. 1822 precisa estar tão próximo do que o atual 1972. Detalhar a hora em que D. Pedro I teria proclamado a Independência e contar a quantidade exata de horas em que estamos “livres” por conta desse gesto passa de ser apenas um detalhe fútil e se interconecta com todo o ambiente comemorativo daquele dia da Pátria, para ambientar o leitor sobre como era a cidade de Porto Alegre a 150 anos atrás.

⁷⁸ Ibid. p. 19.

⁷⁹ Zero Hora, Porto Alegre, 07 set. 1972. p. 67.

⁸⁰ Ibid. p. 67.

Nas páginas 16 e 17 do Zero Hora do dia 07 de setembro de 1972 há um texto intitulado “Imagem do Rio Grande do Sul ao ser proclamada a Independência do Brasil” que é baseado nos diários do naturalista francês Saint Hilaire e faz uma “reconstituição da fisionomia do Rio Grande do Sul à época da Independência”⁸¹ com alguns tópicos: “Porto Alegre”, “A população”, “Transporte e comunicações”, “O governo” e “O gaúcho”. E imagens de 1822 do Mercado Público; Assembleia Legislativa; Praça da Matriz; Palácio do Governo e Ponte de Pedra. Algumas frases enfatizam as questões etnico-raciais no Estado naquele momento: “Os habitantes, embora de origem açoriana, como os de Santa Catarina, diferem bastante destes. São mais brancos, maiores, mais esbeltos e têm maior vivacidade. Isto se deve aos hábitos de vida, pois vivem sempre a cavalo, respirando o ar puro da terra” e “Na porta de cada estância há sempre um sino anunciando a hora das refeições e a sua mesa está sempre franca a todos os que chegam, sem, muitas vezes, lhe perguntar pelo nome. Os próprios negros escravos entre eles gozam de uma situação privilegiada. Convivem com os senhores, que participam dos mesmos trabalhos”⁸². Além desse texto, na página 20 e 21 um texto sobre a pecuária no Estado “Em 1822 a pecuária de corte já era nossa grande riqueza.” sem comentar sobre a mão de obra desse trabalho. O texto é de autoria de Alamir Vieira Gonçalves, Presidente da Federação da Agricultura do RS e cita: “Grande foi o desenvolvimento dos rebanhos e das lavouras nos 150 anos da Independência. No rebanho vacum, entretanto, deve-se registrar que já era uma riqueza em 1822 [...] talvez a maior do país”⁸³.

Os usos do passado são postos a favor do discurso oficial da comemoração. Era importante ambientalizar o leitor a Porto Alegre de um século e meio atrás, percebe-se que havia uma curiosidade de mostrar como era o lugar, numa busca por demonstrar de forma mais vívida os progressos. Nesse processo de reconstituição do desenvolvimento do Estado a questão racial aparece em vários momentos, de forma preconceituosa, ou abrandando a situação de escravidão no Rio Grande do Sul. Os textos ressaltam a branquitude, valorizando o gaúcho

⁸¹ *Zero Hora*, Porto Alegre, 07 set. 1972. p. 16.

⁸² *Ibid.* p. 17.

⁸³ *Ibid.* p. 20-21.

como um homem branco e de origem europeia⁸⁴. Além disso, as duas páginas que versam sobre a questão pecuarista no Estado, em nenhum momento cita quem eram os trabalhadores das lavouras e do charque em 1822. Quando os negros são colocados no texto aparecem para suavizar o processo violento da escravidão, da mesma forma que em outras situações, agora em 1972.

No dia 06 de setembro a edição do Zero Hora comenta algumas preparações que estão sendo feitas na cidade para os desfiles do dia da Pátria. Então, lendo minhas fontes, me deparo com uma criança vestida de D. Pedro I e o título “Estava tudo pronto, mas faltavam crianças negras para serem escravas”. O texto detalhava o que estava acontecendo “Quando chegou a vez dos escravos, houve problema: o bairro tem poucas crianças negras e justamente, nesse jardim de infância particular, não havia nenhuma. Então a professora pediu quatro alunos emprestados [...] a procura de “braços fortes para o trabalho escravo, valorizou a raça e as crianças do jardim receberam os menininhos carregadores da liteira com balas e biscoitos” disse a professora”⁸⁵. Na edição do dia 08 de setembro descobrimos como foi a participação dessas crianças nos desfiles, na página 19: “Muita gente se aproximou do palanque quando um garotinho vestido como Dom Pedro I entregou um ramo de flores para Neda Triches, que retribuiu ao presente com um beijo, acompanhado de aplausos. Um casal de crianças, caracterizadas de escravas, ia ao lado do pequeno monarca. Uma situação histórica é revivida. A presença de Dom Pedro que usa até o anel semelhante ao que o príncipe usava além do cetro e da coroa, acompanhado por José Bonifácio, de peruca de algodão. A seu lado, uma pequena escrava ouve o locutor louvar a representação.”⁸⁶

A partir desses trechos podemos compreender que as marcas da escravidão estavam no presente da comemoração do Sesquicentenário da Independência do Brasil. A Independência do país não deu fim a escravidão, que perdurou oficialmente até o ano de 1888. Isso nos faz notar como o processo de separar o país colonizado do seu colonizador foi elitista, pois não

⁸⁴ Utilizo para referência os seguintes trabalhos:

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LANDGRAF, Julia. **Memória histórica e branquitude: racialização de pessoas brancas no reconhecimento de um passado familiar escravista**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2022.

⁸⁵ *Zero Hora*, Porto Alegre, 06 set. 1972. p. 25.

⁸⁶ *Zero Hora*, Porto Alegre, 08 set. 1972. p. 19.

pensou em libertar, os agora brasileiros, que viviam em situações de obediência aos seus senhores. Podemos pensar também, o quão contraditório é o discurso de liberdade quando enfatizado sobre a Independência do Brasil nos seus atos festivos, porque a Independência nada trouxe de liberdade para a população negra presente no Brasil. Dessa forma, a continuação das marcas do sistema escravocrata brasileiro deu as caras na festa do dia da Pátria em Porto Alegre.

A Página 7 uma propaganda do Banco do Brasil com a imagem de um suposto cheque do século XIX e a frase “Com o suprimento do Banco do Brasil, principalmente, conseguimos a nossa independência.”⁸⁷ que diz ser um trecho do discurso de Rezende Costa na Câmara dos deputados no dia 12 de julho de 1828. Ainda no mesmo jornal do dia 07 de setembro de 1972 uma página apresenta a “história” da Independência do Brasil, em um texto que se centraliza na figura de D. Pedro I, José Bonifácio e o processo da Proclamação da Independência brasileira. O texto não utiliza fontes e nem tem autoria declarada⁸⁸. Logo abaixo a propaganda da Varig para o Sesquicentenário com uma lista de 27 nomes masculinos e 1 nome feminino de pessoas que teriam sido importantes para esse processo histórico.⁸⁹

Então nos deparamos com o fato de que a história é utilizada, também, como um atestado de veracidade. Inserir a imagem de um documento antigo, ou nomes de personagens históricos apresenta um tom de verossimilhança para o que está sendo dito, ou divulgado. E como todo o processo de lembrar é em contrapartida um antagonismo ao esquecimento, as decisões de quem escolher e o que lembrar em uma celebração implica que alguém será esquecido. O desprestígio, nesse caso, ficou para aqueles que não eram homens, brancos, europeus e de preferência militares. Para as mulheres um único nome, da Imperatriz Leopoldina, um único local, o de esposa.

Portanto, analisar o dia 07 de setembro de 1972 alargando-o para que pudéssemos ver as camadas de tempo que o constituiu nos apresenta uma dimensão cronológica além do habitual. A poética do tempo, seja ele imediato ou profundo, construída em uma anamorfose, amarra o tempo, para que a história seja escrita de outra forma. O historiador Daniel Faria, comenta que é nesse sentido que “o passado, que já tinha sua própria “futuridade” atualista, retorna no

⁸⁷ *Zero Hora*, Porto Alegre, 07 set. 1972. p. 07.

⁸⁸ *Zero Hora*, Porto Alegre, 07 set. 1972. p. [?]

⁸⁹ *Ibid.* p. [?]

presente, como um tempo em looping, uma memória gravada no corpo, uma repetição que difere, “renova”. A ditadura, ao comemorar o Sesquicentenário da Independência do Brasil, planejando-o em moldes pré-estabelecidos, soube juntar os fios do passado, presente e futuro de maneira que a teia temporal tecida alcançava os objetivos propostos por eles. Assim, o dia dos 150 anos da Independência do Brasil foi muito além do dia 07 de Setembro de 1972, transpassou os limites, sendo atravessado e atravessando os caminhos e formando uma encruzilhada histórica.

CONCLUSÃO | FECHANDO A EFEMÉRIDE

O dia da Pátria no contexto do Sesquicentenário da Independência do Brasil em Porto Alegre terminou mobilizando diversos elementos históricos. Usando a figura de D. Pedro I, contando as horas após ato libertário ou projetando ideias de uma Nação grandiosa, a festa do dia do “aniversário” da Independência do país aconteceu através de muitos setores da sociedade. As empresas, indústrias e comércios locais entraram na atmosfera comemorativa com suas propagandas. Os colégios garantiram que seus alunos estivessem presentes, seja na plateia, ou no palco do desfile. A cidade se preparou para um dia que vinha sendo pensado há meses.

Se o objetivo maior do governo militar era produzir uma comemoração que chamasse o público a participar para assim valorizar os ideais políticos que os ditadores almejavam, como a visão de um Brasil grande e de uma pátria que soube realizar seu progresso nesses 150 anos, podemos concluir que a utilização da data histórica do dia 07 de setembro de 1822 foi conveniente ao regime ditatorial. O ufanismo foi ativado nas diversas celebrações propostas, como visto no capítulo 1 e perdurou até o último dia da comemoração, como exposto no capítulo 2. Isso demonstra, que pelo menos em Porto Alegre, a comemoração do Sesquicentenário da Independência do Brasil foi um sucesso para quem estava no poder. Saliento, contudo, que a construção da teia temporal em volta dos festejos não foi apenas da ordem oficial, visto que pelas fontes analisadas muitos dos atores presentes nessa construção eram civis.

A escolha é utilização do conceito de anamorfose, tanto para articular a análise, quanto para escrevê-la, possibilitou observar os tempos que atravessaram e formaram o dia da efeméride da Pátria. Que, embora, sendo um dia no calendário, convencionado em 24 horas, foi muito além disso historicamente. Pude perceber que o passado, presente e futuro estavam emaranhados na costura da teia poética do tempo e realizam um complexo cronológico que consegui expor neste trabalho. Ademais, acho importante declarar que toda pesquisa histórica é feita em um novo tempo, um presente que está para seu objeto de análise como um futuro. Dessa forma, ainda seria possível expandir as análises da encruzilhada histórica que se formou.

Acredito que meu trabalho contribuiu para o conhecimento historiográfico, uma vez que se propôs a fazer uma análise diferente do habitual, sobre uma temática ainda pouco trabalhada na historiografia. Além disso, o recorte da temática, que aborda o período da ditadura civil-militar brasileira, contribui para pensar sobre esse período da História do Brasil através de um (ou vários) atos comemorativos. Assim, o passado foi mobilizado na comemoração do dia 07 de setembro de 1972 através de propagandas, textos, encenações, discursos e desfiles e

contribuiu para que a Ditadura continuasse no poder, abafando as denúncias de violações que aconteciam fora do ritmo festivo.

Agosto de 2024, finalizo a escrita desse trabalho em um dia chuvoso. A chuva, elemento do presente, que agora me mobiliza pelo seu passado recente, que foi assustador. Essa condição da natureza, que certamente estará presente em muitos outros dias do meu futuro. Esse momento de término de um trabalho de conclusão de curso que é pra mim, uma efeméride da minha história pessoal. Efeméride, que na astronomia é “uma tábua astronômica que registra, em intervalos de tempo regulares, a posição relativa de um astro”⁹⁰. Se o astro for a Independência do Brasil, estamos todos nós na engrenagem que de tempos em tempos é rememorada em outros contextos, com outros governos e formando novas histórias, mas de algum modo sempre retornando um passado e projetando um futuro. Como uma historiadora, que abriu a análise dessa efeméride no passado, agora no presente a finalizo, e ao fechar a análise espero que o futuro me possibilite olhar para esse tempo, encontrando outras camadas na encruzilhada da história.

⁹⁰ Oxford Languages. **Efeméride**. Reino Unido: 2024. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=efem%C3%A9ride+significado>. Acesso em agosto de 2024.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. “A necessária presença do outro, mas qual outro? Reflexões acerca das relações entre memória, história e comemorações”. In: **O tecelão dos tempos (novos ensaios de teoria da história)**. São Paulo: Intermeios, 2019.

ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. **O Regime Militar em festa: a comemoração do Sesquicentenário da Independência brasileira (1972)**. 2009. Tese (Doutorado em História Social) - UFRJ. Rio de Janeiro, 2009.

ARAUJO, Roberta Gerciane Viana de. **Dormia a nossa Pátria mãe tão distraída: Comemorações ao Sesquicentenário da Independência do Brasil em Campina Grande/PB**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) - UFCG. Campina Grande, 2017.

ARAÚJO, Roberta Gerciane Viana de. Nas Páginas Do Diário Da Borborema: Campina Grande Comemora O Sesquicentenário Da Independência Do Brasil. In: Anais Eletrônicos do XVI Encontro Estadual de História - ANPUH –PB. **XVI Encontro Estadual de História – Poder, memória e resistência: 50 anos do golpe de 1964**. Campina Grande. 25 a 29 de agosto de 2014. p. 288-294.

BARROS, Jose D’Assunção. Considerações sobre a análise de jornais como fontes históricas, na sua perspectiva sincrônica e diacrônica. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 26 n. 3 - Set/Dez de 2022.

BATISTELLA, Pedro Henrique. **A atualização do passado em disputa: historiadores(as), movimentos sociais e comemorações nacionais**. 2022. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2022.

BAUER, Caroline Silveira. Ditadura civil-militar e imprensa gaúcha: a construção de uma conciliação com o passado (1979-1988). **ESCRITAS** v. 7 n.1 (2015) ISSN 2238-7188 p.155.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARDIA, Rodrigo Catto de. “Jean Marie, o Brasil vai até o Chuí” : futebol e identidade "gaúcha" nas páginas da **Folha Esportiva (1967-1972)**. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado em História) - UFRGS. Porto Alegre, 2009.

CERVEIRA, Talita Veloso. “Memória da independência 1808-1825”: a construção de um discurso através da celebração do sesquicentenário da Independência do Brasil. In: ANPUH – **XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – São Leopoldo, 2007.

CORDEIRO, Janaina Martins. **A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento**. 1º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

_____. **Lembrar o passado, festejar o presente: As comemorações do sesquicentenário da Independência entre consenso e consentimento (1972)**. 2012, Tese (Doutorado em História) - UFF. Niterói, 2012.

DUTRA, Eliana. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

DYSARZ, Carmen Virginia Pereira. **As comemorações do Sesquicentenário da Independência em 1972 e suas possibilidades pedagógicas.** 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - UNIRIO. Rio de Janeiro, 2020.

FARIA, Daniel. Anamorfose de um dia: o tempo da história e o dia 11 de dezembro de 1972. **História da Historiografia.** Ouro Preto, n. 17, p. 11-29, abril de 2015.

_____. Anamorfose do dia 08 de maio de 1970 - ou: O mito em posição de alerta. *In:* KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei (org). **Do Fake ao Fato: des(atualizando) Bolsonaro.** Vitória: Editora Milfontes, 2020.

_____. Baderneiros, arruaceiros, guerrilheiros :um acontecimento na transição democrática. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol 31, n° 63, p. 50-70, janeiro-abril 2018.

FERREIRA, Cristina; SILVA, Evander Ruthieri Saturno da. O RETORNO DO IMORTAL: D. Pedro I mitificado pelos militares nas representações imagéticas das Revistas O Cruzeiro e Manchete no Sesquicentenário da Independência (1972). **Revista Tempo e Argumento,** Florianópolis, v. 6, n.11, p. 355-385, jan./abr. 2014.

FERREIRA, João Fernando Pelho. **De (pre)potência Olímpica à invenção do país do futebol: a política para os esportes do governo Emílio Garrastazu Médici (1969-1974).** 2014. Tese (Doutorado em História) - PUC/SP. São Paulo, 2014.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Em 1926: vivendo no limite do tempo.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

LANDGRAF, Julia. **Memória histórica e branquitude: racialização de pessoas brancas no reconhecimento de um passado familiar escravista.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2022.

LOPEZ, Débora Cristina. **Independência ou morte: silenciamentos e reiteraões no discurso de O Estado de São Paulo em 1972 e 2003 sobre a Independência brasileira.** 2005. Dissertação (Mestrado em Letras - Linguagem e sociedade) - UNIOESTE. Cascavel, 2005.

MARTINS, Mariah; DANTAS Regina ; APRIGIO, Paulo Vinícius. Do Sesquicentenário ao Bicentenário: as práticas do museu nacional além das efemérides da Independência do Brasil. **Revista PGPU,** Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, jul-dez. 2022.

MORAIS, Fabrício de Sousa. A Nação Construída No Dia A Dia Das Notícias: O Início Das Comemorações Do Sesquicentenário Da Independência Do Brasil. **Brasil: Historiografia e Política,** v. 17, n. 1, 2016. XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB.

REI, Bruno Duarte. Arquivos e esporte: o fundo da Comissão Executiva Central do Sesquicentenário da Independência do Brasil. **Acervo,** [S. l.], v. 27, n. 2, p. 62–69, 2014.

_____. **Celebrando a pátria amada: esporte, propaganda e consenso nos festejos do sesquicentenário da Independência do Brasil (1972).** 1° ed. Rio de Janeiro: 7letras, 2020.

SCHMIDT, Benito Bisso. De quanta memória precisa uma democracia? Uma reflexão sobre as relações entre práticas memoriais e práticas democráticas no Brasil atual. **Anos 90,** Porto Alegre, v. 22, n. 42, p. 153-177, dez. 2015.

SOSNOSKY, Thaisy. **Historiografia e memória: Biblioteca do Sesquicentenário da Independência do Brasil (1972)**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) - UFG. Goiânia, 2013.

SOUZA, Olivia Baldissera de. **O imperador galã que nos deu a Independência: a representação de D. Pedro I no filme Independência ou Morte (1972)**. 2022. Dissertação (Mestrado em História) - UFPR. Curitiba, 2022.